

OUTRAS OPINIÕES

O parlamento e as raposas

P. A13

**A**sobriedade do parlamento inglês foi submetida a uma prova de bagunça. Nada mais nada menos que por causa das raposas. Os tradicionais guardas vestidos de preto e cabeleiras brancas metidos num quiproquó entre a caçadores de raposa que não queriam deixar que o parlamento proibisse a sua caça e uma multidão irada que fora gritava: "Queremos matar raposa!" Os parlamentares de dentro: "Raposa viva, sem cachorros perseguindo!"

Ninguém pense que isto é uma questão tão simples. Os ingleses são agarrados à sua tradição e dela não abdicam. E um dos mais antigos e mais populares esportes nobres do país é justamente a caça à raposa. Não é uma caça simples. Primeiro, ela não pode ser morta a tiros. É um cerimonial que é preparado com muito cuidado e elegância. Os caçadores se reúnem, comemoram e orgulhosamente apresentam suas matilhas treinadas. Os "terriers" são



**JOSÉ SARNEY**  
PRESIDENTE DO SENADO

os melhores. Mas há os raposeiros, cachorros fortes de patas pequenas. As raposas são acuadas e os ingleses, montados a cavalo, com a matilha em desabalada e desordenada carreira, saem na caça brutal, até os cães alcançarem as raposas e fazerem a festa.

Mas os ingleses não gostam apenas de caçar raposas. Eles na Índia faziam festas imensas nas caçadas de tigre, num ritual de perigo, matando-o com uma única bala. Essa caçada era tão heróica que passou um provérbio para a língua inglesa, quando se desconfia de que alguém não é gente séria. Então dizem: "Fulano não é

confiável, não pode ser convidado para uma caçada de tigre."

As raposas também não são tão inocentes e destituídas de artimanhas. Fingem-se de mortas e, quando vão ser agarradas, voltam-se ferozes e lá vai a mão de raposeiro. Se os homens as caçam, elas caçam as perdizes, os coelhos, as lebres e também gostam de frutas, uvas figos, mel. São cheias de malandragem, e notívagas, descobrem meios e modos de entrar nos galinheiros e papar as galinhas mais gordas.

Na literatura muitos escritores foram seduzidos por elas. O mais conhecido deles La Fontaine, que muito a explorou. Em "A Raposa e as Uvas" ele começa "Certa raposa mãeira / que andava a toa e faminta / ao passar por uma quinta / viu no alto da parreira / um cacho de uvas maduras." Já em "O Leão Doente e a Raposa" esta escapa de ser comida, porque, esperta, viu que os bichos entravam e não voltavam. Outra fábula do La

Fontaine é "A Raposa e a Cegonha", em que a cegonha esperta levou a raposa a beber água numa cantarão onde não entrava seu focinho, depois que a raposa serviu-lhe água num prato raso.

Esopo também foi tentado pela raposa e escreveu "A Raposa e o Corvo", a famosa vaidade do corvo que ao cantar deixou cair o queixo e a raposa encheu a barriga.

E qual a moral a tirar da invasão do parlamento inglês pelos caçadores de raposa? Quem vai ao mato sem cachorro não mata raposa.

E o Batman que invadiu o Palácio de Buckingham que se cuide, pois pode ser comida pelos cachorros da Rainha e os guardas do parlamento pelas raposas do Partido Trabalhista.

Aureliano Chaves advertia aos políticos espertos: "O futuro de toda raposa é enfeitar o pescoço das mulheres."

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras